

"QUAL GRAMSCI?"  
(Nas pegadas de Antônio Gramsci)

Armando de Melo Lisboa\*

INTRODUÇÃO

Está se tornando cada dia mais nítido que Gramsci se constituiu numa das estrelas de primeira grandeza no espaço do pensamento político, sendo seu legado duramente disputado pelas mais diversas correntes do debate político contemporâneo.

Mas, de que Gramsci estamos falando? Do Gramsci dirigente político ou do Gramsci intelectual? Do Gramsci da Juventude ou do Gramsci da prisão? Do Gramsci que efetuou uma crítica de esquerda à Stálin ou do Gramsci do PCI e da IIIª Internacional?

Queremos aqui se aproximar de Gramsci no contexto teórico-político de sua época, esboçando um mapeamento de como se construiu seu pensamento, bem como, dos diferentes "Gramscis" que podem ser encontrados.

Percebemos que Gramsci está inserido, para além da cultura socialista, numa vasta tradição política em que ele dialoga com Maquiavel, Vico, Groce, Lênin, Stálin, etc. Enfim, queremos romper com uma leitura religiosa e apologética de Gramsci, permitindo vislumbrar que o genial sardenho, através da dura lição do fascismo e do stalinismo, formulou em termos radicalmente novos as relações entre democracia e socialismo, apontando para que a democracia seja o eixo da estratégia de construção do socialismo<sup>1</sup>. "A redução da teoria política socialista à discussão sobre a simples substituição da liberdade formal pela liberdade concreta e sobre a opção entre legalidade e violência, impediu o afloramento do tema fundamental da relação entre democracia e socialismo, isto é, a relação entre socialismo (mudança das relações sociais capitalista) e consenso"<sup>2</sup>.

Infelizmente, não foi possível neste momento realizar um mapeamento das idéias gramscianas, de seu caminho para o socialismo no ocidente, da sua teoria da hegemonia, da sua concepção de revolução moral-cultural, da sua visão da questão nacional, da sua teoria do Estado e de sua compreensão da democracia socialista.

(\*) Professor do Departamento de Ciências Econômicas/UFSC

(1) Conf. Buci-Glucksmann, 1978

(2) Cerroni, 1976, p. 83

Não é nosso objetivo realizar aqui uma exegese das "verdades" gramscianas, mesmo porque não existe este Gramsci "correto" (tão prezado pelas ortodoxias), mas sim múltiplos Gramscis, diferentes leituras e interpretações, em função tanto da complexidade da sua obra e dos diversos momentos políticos em que viveu, quanto das diferenciadas posições ideológicas de seus leitores e dos contextos políticos nos quais vivem.

## I. A HERANÇA QUE GRAMSCI RECEBEU

Faremos aqui um rápido mapeamento de como se formou o pensamento e a prática de Antônio Gramsci, buscando compreender a razão da originalidade de sua obra. É este caráter original que faz com que Gramsci até hoje seja um autor não muito bem entendido, especialmente nos círculos marxistas (onde alguns até questionam se Gramsci efetivamente é marxista).

É possível identificar diversas fontes nas quais Gramsci irá "beber", pois a sua "fortuna" foi bastante heterogênea. Esta pluralidade de matrizes teóricas que impactaram o jovem Antônio Gramsci faz aflorar <sup>10</sup> que se pode considerar a grande novidade do pensamento político de Gramsci em relação à tradição socialista: a sua extraordinária riqueza e articulação cultural, bem como a sua lúcida crítica à ocutação e à vulgarização que o marxismo registrara no referente às categorias teórico-políticas. (...) Não por acaso, a própria polêmica de Gramsci sai do âmbito restrito das questões políticas de 'partido' e estabelece um contato crítico com a ciência política oficial, de Croce a Pareto, de Michels a Mosca. Sob este aspecto, pode afirmar-se que gramsci realiza no campo da ciência política aquela maturação do socialismo que já fora realizada no campo da ciência econômica, graças aos estudos de Marx, Lenine, Rosa Luxemburgo e Bucarino<sup>3</sup>. Entretanto, todos os críticos de Gramsci se aproveitam deste "ecletismo" para demonstrar seja seu "Croceísmo", seu historicismo, seu anarco- sindicalismo, colocando em dúvida seu leninismo e até mesmo seu marxismo<sup>4</sup>.

### 1. A Influência de Croce e Gentile

Gramsci é herdeiro da grande tradição cultural italiana que vai de Maquiavel à Croce. particularmente, é ao ingressar na Universidade, em Turin, que Gramsci irá conhecer o movimento cultural idealista, do qual Benedetto Croce e Giovanni Gentile são as principais expressões.

(3) Cerroni, 1976, p. 159 e 157

(4) Anderson (1986), em sua vigorosa crítica ao pensamento gramsciano, denuncia os "desvios conceituais inevitáveis dos teóricos pioneiros" que são obrigados a trabalhar com "categorias antigas" (como as de Maquiavel) elaboradas para outros fins e épocas, o que acaba obscurecendo e desviando os resultados. Ver ainda Anderson, 1976

Sob a influência de Antônio Labriola (1843-1904)<sup>5</sup>, Croce e Gentile se aproximaram em sua juventude do marxismo, mas logo se afastaram progressivamente quando do contexto da primeira crise do marxismo, da qual Croce, juntamente com Bernstein na Alemanha e Sorel na França, são os principais protagonistas.

Croce, juntamente com Gentile, foi o "pai" do neo-idealismo italiano, reduzindo a realidade à realidade do espírito e a história concreta à história das idéias. Para Gramsci, Croce era o "papa leigo" da cultura italiana, pois se tornou o instrumento da hegemonia burguesa sobre a totalidade nacional:

"Contra o evolucionismo vulgar, contra o cientificismo empirista e positivista, Croce e Gentile pregavam o valor de uma cultura filosófica, humanista; contra o apego aos fatos, defendiam o valor do espírito, da vontade e da ação"<sup>6</sup>.

"Precisamente em função da importância de Croce na sociedade italiana, na época em que Gramsci escrevia, este último declarava que era necessário escrever um "anti-Croce". Gramsci tem consciência que o neo-idealismo crociano renovou a cultura italiana, provinciana e de inscrição positivista, e não é por acaso que, em seus textos de juventude, pode-se descobrir um certo tom "crociano" rapidamente abandonado (...) Gramsci mostra, portanto, que a filosofia de Croce não passa de uma metafísica, uma teologia laica e modernizada. Ao mesmo tempo, contra os materialistas vulgares, Gramsci reabilita, e é nesse sentido que a lição do neo-idealismo é sabiamente utilizada, a dimensão ético-política do materialismo histórico"<sup>7</sup>.

## 2. A Influência do Debate no seio do PSI

Desde as suas origens, em 1892, o PSI foi palco de um profundo debate entre uma ala revolucionária extremista (anarquista, anarcosindicalista, maximalista) e uma alta reformista (da qual as principais expressões eram Bissolati e Turati)<sup>8</sup>, o qual se dava dentro do amplo contexto da IIª Internacional. A cultura marxista então estava (não está mais?) marcada pelo positivismo mecanicista popularizado pela IIª Internacional, na qual, Marx representava para as ciências sociais o que Newton e Darwin representavam para as ciências físicas e biológicas. Esta visão evolucionista e fatalista da história que impregnavo o marxismo, aparecia insistentemente nas relações que os próprios mar

(5) Primeiro grande teórico do marxismo italiano e membro da geração de teóricos que sucederam Marx e Engels (Conf. P. Anderson, 1976, p. 14). Um balanço do seu pensamento pode ser encontrado no ensaio de Gerratana, 1984.

(6) Coutinho, 1981, p. 17

(7) Macciocchi, 1980, p. 71

(8) Não custa recordar que o PSI foi o embrião donde, com a ruptura de 1921, surge o PCI, quando até então inclusive Mussolini participava do mesmo.

xistas estabeleciam entre o marxismo e as ciências naturais (vide o discurso de Engels no enterro de Marx)<sup>9</sup>. "Era dominante entre os dirigentes socialistas uma concepção positivista-evolucionista do marxismo; e essa concepção servia como uma luva para justificar ideologicamente a prática política imobilista, fatalista, que predominava então nas correntes em que se dividia a maioria do PSI"<sup>10</sup>.

Os maximalistas, partidários do "programa máximo", o socialismo, em oposição ao "programa mínimo" (a luta por reformas), "limitavam-se a esperar passivamente a hora H, "o grande dia", que seria trazido naturalmente pela evolução do capitalismo; enquanto isso, tratava-se de evitar qualquer compromisso com a ordem vigente (...). Por outro lado, os reformistas (...) limitavam-se a endossar as pálidas reformas propostas pelas classes dominantes"<sup>11</sup> pois, conforme as palavras de sua principal expressão, Filippo Turati, "não tememos as reformas econômicas e políticas, porque o fundo da nossa doutrina é uma concepção otimista. Pensamos que o rio desemboca fatalmente no mar"<sup>12</sup>.

Porém, devido à sua formação juvenil (especialmente à influência de Gentile que demonstrou a centralidade da práxis, da vontade e da subjetividade no processo histórico)<sup>13</sup>, "Gramsci não se sente à vontade no ambiente determinado por este falso dualismo"<sup>14</sup>, aparecendo ao Gramsci ainda jovem a batalha cultural "como um meio privilegiado para romper com a falsa alternativa entre reformismo inócuo e maximalismo vazio"<sup>15</sup>.

Assim, se "a formação juvenil de gramsci teve o mérito de livrá-lo dos impasses positivistas e fatalistas que paralisavam o PSI de seu tempo; de prepará-lo para uma concepção mais rica e articulada do socialismo (...), de evitar sua passagem pela ideologia deformante da IIª Internacional; e de tornar mais fácil sua compreensão do significado de Lênin e da Revolução Soviética"<sup>16</sup>, também teve, conforme alguns críticos, um efeito negativo que foi imprimir uma marca "idealista", "subjetivista" e "voluntarista" em Gramsci<sup>17</sup>.

### **3. A Influência dos Conselhos Operários de Turin**

A experiência dos Conselhos de Fábrica nos anos 1919-20 na Itália ficou limitada à Turin, cidade industrial com uma concentração entre 150.000 - 200.000 operários industriais, dos quais 35.000 na FIAT.

(9) Sobre a popularização positivista do marxismo ver Andreucci, 1985, Salvadori, 1985 e Negt, 1985.

(10) Coutinho, 1981, p. 9

(11) Ob. Cit. p. 20

(12) Citado por Coutinho, 1981, p. 20

(13) Conf. Coutinho, 1981

(14) Ob. Cit. 1981

(15) Ob. Cit. p. 25

(16) Ob. Cit. p. 25

(17) Conf. por exemplo, Gruppi, 1978, p. 51

Desde 1906 que existia na cidade a experiência de Comissões Internas em cada fábrica, as quais se constituíam em delegados do sindicato da categoria no interior da empresa que buscavam defender os direitos dos trabalhadores.

Gramsci, que em abril de 1919 lança em Turim o Jornal L'Ordine Nuovo, juntamente com Angelo Tasca, Plamito Togliatti e Umberto Terracini, passa a ver na Comissão Interna uma semente de soviete, propondo a transformação da mesma em Conselho de Fábrica, isto é, em órgão representativo de todos os trabalhadores (e não apenas dos sindicalizados) que se organiza em cada seção da fábrica, visando possibilitar o controle operário sobre o processo produtivo (e não mais defender os direitos trabalhistas), elevando o operário da sua condição de assalariado à condição de produtor.

Neste conceito de "produtor", juntamente com o conceito de "Bloco Histórico", podemos perceber a influência sobre Gramsci de Georges Sorel<sup>18</sup> e da luta dos sindicalistas franceses contra um sindicato apenas reivindicativo-quantitativo. Sorel, com sua crítica ao parlamentarismo, ao Estado centralizador e burocrático, sua negação do partido, sua fórmula da greve geral, influenciou não apenas a Gramsci (o qual não deixou de reconhecer ao homenageá-lo como "sincero amigo do proletariado"<sup>19</sup>, e ao fazer, nos seus escritos do cárcere, uma análise mais crítica da influência soreliana<sup>20</sup>) mas também, especialmente, ao anarco-sindicalismo italiano<sup>21</sup>.

A proposta das Comissões de Fábrica teve logo uma grande aceitação entre os metalúrgicos, sendo que em outubro de 1919, 50.000 trabalhadores de 30 empresas já estavam organizados nos mesmos<sup>22</sup>. Durante este período encontramos em Gramsci uma permanente referência à fábrica, concebida como parte do território nacional e local indispensável à luta por uma nova forma de Estado.

Esta experiência dos Conselhos, que nas greves de 1920 geriram a produção industrial em Turim, marcou a concepção Gramsciana de democracia como algo construído através de organismos de base que possibilita o "autogoverno das massas", e da função dirigente da classe operária no processo revolucionário. Porém, a derrota que então sofreu o movimento operário de Turim fez Gramsci refletir algumas questões, entre as quais a do papel do partido, do Estado e da questão nacional.

---

(18) Conf. Badaloni, 1987, p. 22 e 56. Para um balanço da vida e obra de Sorel ver Paola, 1987.

(19) Paola, 1984, p. 83

(20) Macciocchi, p. 61

(21) Paola, 1984, p. 82

(22) Conf. Coutinho, p. 31

#### 4. A Influência de Lênin

Possivelmente foi a revolução de outubro na Rússia que definitivamente evitou que Gramsci fosse influenciado fortemente tanto pelo marxismo ortodoxo quanto pelo marxismo dos "revisionistas", possibilitando sua original contribuição. "É o Leninismo que, realmente, irá marcar Gramsci, como fundamento a partir do qual efetuará a superação definitiva do que ele chama o seu "provincianismo", para alcançar a amplitude de sua visão teórica e política. Sem Lênin, Gramsci jamais teria alcançado seu pleno desenvolvimento como teórico da revolução no Ocidente"<sup>23</sup>.

A vitória dos Bolcheviques, compreendida por Gramsci a partir dos soviets, desmacarou, para ele, o mito das condições objetivas como determinante da luta pelo socialismo, o qual era afirmado por uma visão economicista do marxismo. Para Gramsci a luta política é um espaço indeterminado com diferentes alternativas, cujo resultado não está prescrito por nenhum determinismo econômico, mas depende da luta entre as vontades coletivas organizadas.

Num polêmico artigo saudando a revolução russa, intitulado "a Revolução contra O Capital", publicado em janeiro de 1918, Gramsci afirma que "A revolução dos Bolcheviques é cimentada mais por ideologias do que por fatos. Ela, é a revolução contra "O Capital" de Karl Marx (...). Era a demonstração crítica da fatal necessidade de que na Rússia se formasse uma burguesia, se iniciasse uma era capitalista, se instaurasse uma civilização de tipo ocidental, antes que o proletariado pudesse sequer pensar em sua afirmação, em suas reivindicações de classe, em sua revolução (...). Os fatos fizeram explodir os esquemas críticos segundo os quais a História da Rússia deveria se desenvolver conforme os cânones do materialismo histórico"<sup>24</sup>.

Porém, após o fracasso da experiência dos conselhos de Turim e a Vitória de Lênin, Gramsci vai se convencer da importância do partido político na formação desta vontade política organizada e da questão do estado como central no processo revolucionário.

#### 5. O Advento do Fascismo

Após o advento do fascismo na Itália (1922), Gramsci esteve em Moscou entre 1922 e 1923<sup>25</sup>, quando pode meditar mais sobre porque a revolução tinha fracassado na Itália, na Alemanha, na Áustria, na Hungria; enfim sobre a derrota do proletariado no Ocidente. Aqui, em con

(23) Macciocchi, p. 75-76

(24) Publicado em Coutinho, p. 135-136

(25) Foi nesse período que Gramsci conheceu e se casou com a soviética Júlia.

tato com Lênin e com os dilemas da construção do socialismo na Rússia, Gramsci pode amadurecer sua distinção entre Oriente e Ocidente.

Numa carta enviada de Viena em fevereiro de 1924, quando se encontrava impedido de retornar à Itália devido a uma ordem de prisão, Gramsci advertia ao grupo dirigente do PCI que "na Europa Central e Ocidental, o desenvolvimento do capitalismo não apenas determinou a formação de amplos estratos proletários, mas também e em consequência criou o estrato superior, a aristocracia operária com seus anexos de burocracia sindical e de grupos social-democratas. A determinação, que na Rússia era direta e, lançava as massas às ruas para o assalto revolucionário, complica-se na Europa Central e Ocidental por causa de todas essas superestruturas políticas; elas fazem com que a ação das massas seja mais lenta e prudente, e exigem, por conseguinte, que o partido revolucionário desenvolva toda uma estratégia e uma tática bem mais complexas e de longo alcance, do que as que foram necessárias aos Bolcheviques durante o período de março a novembro de 1917"<sup>26</sup>.

"Essa idéia que terminaria por se impor a Gramsci, segundo a qual era necessário passar no ocidente de uma "Guerra de Movimento" como na Rússia para uma "Guerra de Posição", leva a marca de sua estada em Moscou durante os anos de 1922-1923 e de sua participação no IV Congresso da Internacional Comunista (12 de novembro de 1922) (...)"<sup>27</sup>.

A partir da derrota do movimento dos conselhos (o qual foi vencido em parte, porque ficou restrito à Turin) e da ascensão do fascismo, Gramsci refletiu mais profundamente sobre a questão nacional, escrevendo em 1926 um texto intitulado "A Questão Meridional" onde analisa o estado italiano surgido do Risorgimento, marcado pela divisão entre o norte e o sul, mostrando que "para quebrar a hegemonia da burguesia, é preciso romper esse bloco industrial-agrário, essa aliança da burguesia capitalista do norte com os grandes latifundiários do sul"<sup>28</sup>. Para isto é necessário construir uma aliança entre os operários do norte com os camponeses do sul, formando um Bloco Histórico Revolucionário, sob a liderança dos primeiros.

## II. QUAL GRAMSCI?

Queremos aqui esboçar um mapeamento das diferentes leituras de Gramsci, observando as diversas fases que o "encontro com Gramsci" tem percorrido desde o final de IIª Grande Guerra. A sua obra já transcendeu em muito os limites da cultura marxista, sendo hoje utilizada pe

---

(26) Carta publicada em Coutinho, 1981, p. 162

(27) Macciocchi, 1980, p. 80

(28) Gruppi, 1980, p. 77

las mais diversas áreas da sociedade<sup>29</sup>. São muitos os Gramscis que podem ser encontrados, e esta diversidade de leituras vai muito além das três fases em que Cerroni delimitou os diferentes momentos da apropriação da obra Gramsciana: primeiramente o do deslumbramento, (que chamá-riamos de fase populista) que ocorreu no primeiro decênio do último após-guerra. Posteriormente, no segundo decênio do após-guerra quando Gramsci passa a ser lido por marxista não italianos, surge uma torrente de críticas e de dúvidas. Porém, Gramsci sobrevive às duras críticas e emerge o terceiro período, "no qual o juízo se liberta dos instrumentalismos políticos (tanto das paixões como das hostilidades deliberadas) e atinge um nível histórico crítico suficientemente elevado"<sup>30</sup>. Cremos que estes diferentes momentos estão fortemente condicionados pela conjuntura histórica-política em que vivem seus variados intérpretes, vejamos:

## 1. Gramsci e o Stalinismo

### 1.1. Os "filtros" da prisão

A complexidade dos escritos da prisão de Gramsci não é devido apenas à necessidade de enfrentar a vigilância da censura fascista, mas também, devido ao enfrentamento progressivo de Gramsci com o Stalinismo, que através do PCI, mantinha uma dupla vigilância sobre os seus escritos.

Desde 1926, ano da brutal ruptura entre Stálin e Trotsky, surgem conflitos na relação Stálin-Togliatti com Gramsci, sendo que em 1929 ocorre "a ruptura entre a teoria política gramscista e as experiências político-estatais, que seriam a seguir as do movimento comunista"<sup>31</sup>. A partir de então, gramsci é submetido a um isolamento pelo PCI, o que agravou a sua condição de preso político.

A Internacional Comunista, tendo como pano de fundo a crise mundial do capitalismo de 1929, sob a liderança de Stálin, avaliou que eram dadas as condições para o advento do socialismo, assumindo a palavra de ordem "classe contra classe". Assim acabava-se a política "diretista" da frente única, pois o próprio partido conduziria as massas à vitória. O PCI alinhou-se em torno desta diretriz, expulsando os que não concordaram com a mesma. Mesmo para um país governado pelo fascismo, como a Itália, a opção não estava em escolher "entre um capitalismo progressista (democracia burguesa) e um capitalismo que regride para

(29) Conf. E. Hobsbawm, Gramsci está entre os cinco autores italianos nascidos após o século XVI mais citados na literatura internacional e nas artes. In: Hobsbawm, 1987, p. 34

(30) Cerroni, 1976, p. 144

(31) Macciocchi, 1980, p. 46



a Idade Média (fascismo) mas... entre a ditadura do capital e a ditadura do proletariado" (Lo Stato Operário, Órgão do COPI, 3 de março de 1929)<sup>32</sup>.

Gramsci assumiu posições profundamente distintas, sendo então abandonado pelo partido e isolado inclusive pelos companheiros de prisão. Isto foi por muito tempo acobertado pelo PCI, o que pode ser percebido no silêncio que Piero Srafa (considerado um dos últimos amigos que acompanhou Gramsci durante os tempos em que esteve preso) manteve sobre estes fatos na sua entrevista com Maria-Antonieta Macciocchi<sup>33</sup>. Afirmo Macciocchi que "ignorávamos tudo sobre o drama desta vida que, em 1935, se esvaía na prisão, em meio à desconfiança dos outros comunistas presos e ao isolamento a que o partido havia condenado Gramsci, depois que este manifestou seu desacordo com Stálin, sobre as relações com a Internacional, a partir da virada do PCI em 1929, e, talvez, sobre os processos stalinistas em 1936, aos quais ele recusava qualquer possibilidade de compreensão racional (encontraremos, nos Textos Escondidos, uma nota inédita de Gramsci sobre a "autocrítica e a hipocrisia da autocrítica").

"Assim, no fundo de sua prisão se escondia outra coisa: esse abandono pelo qual seu próprio partido e a Internacional o desautorizavam"<sup>34</sup>.

A vigilância sobre seus escritos da prisão era total. "Os fascistas se interessavam muito por Gramsci. Mussolini queria que lhe remetessem pessoalmente uma cópia de todas as cartas e de tudo o que ele escrevia...Mussolini se ocupava pessoalmente de Gramsci, tudo, até uma autorização para vê-lo, passava diretamente por Mussolini... As minhas, inclusive"<sup>35</sup>. Gramsci sabia que cada carta que escrevia na prisão estava controlada, sendo recopiada pelo menos três vezes: pela censura fascista, por sua cunhada e remetida para Moscou, por Srafa enviada para o partido. Daí se entende a impossibilidade de se expressar claramente e a complexidade dos seus escritos na prisão.

É significativo recordar que ao sair da prisão o partido ignorou todos seus esforços para trazer Júlia, sua mulher russa, para a Itália, bem como seus pedidos para juntar-se a ela no exterior, o que poderia ter salvo sua vida<sup>36</sup>. É significativo recordar que no enterro de Gramsci havia apenas duas pessoas: sua cunhada Tatiana e seu irmão Carlo. Gramsci apenas não foi expulso formalmente do partido, porém

(32) Citado por Macciocchi, 1980, p. 70.

(33) Macciocchi, 1980, p. 260-274

(34) Macciocchi, 1980, p. 32

(35) Entrevista de P. Srafa. In: Macciocchi, 1980, p. 264

(36) Conf. Macciocchi, 1980, p. 52

sua ruptura com o Comitê Central foi profunda.

## 1.2. A Conspiração do Silêncio. A Mistificação de Gramsci

Logo após a morte de Gramsci, Togliatti publicou um ensaio sobre seu antigo camarada em que afirma "na via que traçou, sob a bandeira que ergueu nas mãos até o último momento - sob a bandeira invencível de Marx - Engels - Lênine - Estaline - a vanguarda da classe operária italiana, o Partido Comunista que criou e dirigiu na luta (...)"<sup>37</sup>. Fica evidente a tentativa de dissimular as relações problemáticas de Gramsci com o PCI e Stálin, o que foi conseguido através da mistificação de Antônio Gramsci, objeto então de uma espécie de culto.

Macciocchi, militante comunista desde a segunda Guerra Mundial, declarou que "durante a resistência seu nome era praticamente ignorado por nós, a nova geração, e Gramsci era conhecido por um círculo restrito de velhos militantes que haviam lido a Questão Meridional, escrita em 1926 e publicada por Stato Operário em 1930. Seus cadernos começaram a ser objeto de uma certa notoriedade a partir de 1948 - ano da publicação das Cartas e dos Intelectuais - e durante todo o decênio seguinte. Em revanche, sua atividade de publicista e de dirigente do partido entre os anos de 1916 e 1926 só foi tornar-se tema de estudo no curso do decênio de 1957-1967"<sup>38</sup>.

Se não podemos deixar de reconhecer a admiração que Togliatti demonstrou para com Gramsci, sendo sua iniciativa de publicar postumamente os Cadernos da Prisão, os quais ele preservou até o final da guerra e a derrota do fascismo, é preciso perceber também, que a relação entre Togliatti e Gramsci teve inúmeras crises, com momentos de aproximação e de afastamento, sobre o que os historiadores do PCI silenciam.

Acusa Macciocchi que "as relações entre a teoria Gramscista e o PCI foram mediatizadas pela 'austúcia' ou a diplomacia de Togliatti. Na época do stalinismo, Gramsci foi apresentado como um stalinista de obediência estrita: Togliatti, em seu célebre artigo de antes da guerra, pretendia descobrir a influência profunda exercida sobre ele (Gramsci)... pelas obras de Stálin .

"Após a libertação, em plena era stalinista, e sob a direção dos 'stalinistas' mais ortodoxos, os Cadernos da Prisão foram publicados numa edição arbitrária, com títulos que até hoje foram mantidos ( Risorgimento, Letteratura e Vita Nazionale, Note Sul Machiavelli, Pasato e

(37) Togliatti. "O Dirigente da Classe Operária Italiana". Lo Stato Operário, nº5-6, maio-junho, 1937. In: Togliatti, 1975, p. 66

(38) Macciocchi, 1980, p. 31.

Presente etc.) e que haviam sido escolhidos por Togliatti. Sob cada uma destas rubricas foram agrupados, sem levar em conta a ordem cronológica, isto é, sem respeitar a evolução do pensamento de Gramsci, e de forma muitas vezes incoerente, as notas e os escritos de dez anos que pareciam mais de acordo, quanto ao conteúdo, aos princípios de classificação de Togliatti. Por outro lado, cabe supor, hoje, que os cadernos foram os primeiros a ser publicados porque eles eram, sem dúvida, os de mais difícil acesso, e sua difusão atingiria essencialmente a elite do partido"<sup>39</sup>.

Não custa recordar que Togliatti sobreviveu no comando da Internacional Comunista, junto com Stálin, desde os anos 20 até seu desaparecimento.

Paolo Spriano lucidamente coloca que no marxismo de Togliatti coexistem contraditoriamente tanto a inspiração stalinista quanto a Gramsciana, o "que terminou por fornecer o melhor antídoto contra o dogmatismo, tanto para a nova geração que se aproxima do marxismo através de Gramsci, quanto para os desenvolvimentos que Togliatti será o primeiro a promover em face das instituições e sugestões gramscianas"<sup>40</sup>.

Buci-Glucksmann alerta que, apesar das divergências de Gramsci com Togliatti e com a IIIª Internacional, "sua obra se inscreve como um todo na história do movimento operário, sem a qual ela fica ininteligível"<sup>41</sup>. Porém, é preciso, percebendo o silêncio dos "vencidos", ler com mais criticidade a história oficial que nos é apresentada pelos "vencedores" (no caso a leitura que o PCI fez inicialmente de Gramsci).

## **2. O Pensamento de Gramsci se liberta. A Vitória do derrotado.**

Não é mera coincidência que, exatamente após o XXº Congresso do PCUS, em 1956, quando Krushev denuncia os crimes de Stálin, vem ocorrer um vigoroso crescimento do interesse pela obra de Gramsci, a qual praticamente tinha sido suprimida pela trágica combinação do fascismo com o stalinismo.

Somente a partir de 1957, com o início da desestalinização, é que se começa a realizar um trabalho de reconstituição do manuscrito original dos cadernos e a preparar sua edição completa, o que finalmente ocorreu em 1975, sob a direção de V. Gerratana, quase 40 anos após sua morte. É importante sublinhar aqui que até hoje esta edição completa não foi traduzida para outra língua, sendo acessível apenas em italiano. Só em 1972 é que foi publicada uma edição popular da versão par

(39) Op. Cit., p. 48-49.

(40) Spriano, 1987, p. 263

(41) Buci-Glucksmann, 1980, p. 20

cial dos Cadernos.

Carnoy, ao fazer um amplo balanço da tradição marxista quanto ao Estado, afirmou que "a segunda metade dos anos 50 marcou o fim do stalinismo e o início do fim da Guerra Fria. Esse degelo presenciou o começo de um período no qual os partidos comunistas desabrocharam intelectualmente e puderem mostrar independência frente à União Soviética, enquanto uma aberta repressão antimarxista se afrouxava nos Estados Unidos. A diminuição desses dois controles sobre o pensamento marxista permitiu o florescimento da teoria marxista ocidental(...)"<sup>42</sup>.

O renascimento da teoria política marxista, que ocorre mais fortemente à partir do final dos anos 60, é fundamentalmente influenciado pela redescoberta de Gramsci, o qual está presente em todas as contribuições, desde Althusser a Poulantzas.

Na sua análise sobre a desagregação do stalinismo, Franz Márek colocou que "no ocidente, o colapso do mito de Stálin permitira aos maiores pensadores marxistas afirmar o princípio da discussão e, portanto, reexaminar uma inteira plêiade de marxistas de oposição, ou, pelo menos, não ligados ao desenvolvimento do marxismo oficial nos anos 30. Não esteve entre as menores descobertas a do pensamento de Gramsci, cuja interpretação do marxismo como filosofia da práxis não contradizia somente a representação naturalista das leis históricas, que dera o tom à divulgação mais popularizada do marxismo, mas também a fórmula corrente do marxismo leninismo, que apresentava a concepção marxista da história como aplicação do materialismo dialético à sociedade e à história.

"(...) Depois da polêmica suscitada pela descoberta dos crimes do período staliniano, esteve inicialmente (e por muito tempo) no centro das discussões o jovem Marx, o Marx humanista; o conceito de alienação esteve também no centro do interesse dos estudiosos de Marx provenientes da área católica e protestante, mas correspondia também às aspirações dos jovens que buscavam uma saída para a frustração na sociedade de consumo"<sup>43</sup>. Este clima, que afetou particularmente a esquerda francesa através de Sartre e Althusser, condicionou toda uma leitura do "Gramsci Humanista".

Hoje O PCI se utiliza de Gramsci para legitimar suas opções políticas, o que é observável nesta afirmação de Gruppi, teórico do partido: "trabalhando a partir das indicações de Gramsci, bem como sobre a realidade objetiva e retomando a experiência da guerra de liberta

---

(42) Carnoy, 1986, p. 63.

(43) Márek, 1987, p. 316-317

ção, fomos construindo uma estratégia que nós chamamos de Via Italiana ao Socialismo. (...) Para nós a hegemonia é a capacidade dirigente da classe operária, é a capacidade de realizar todas aquelas alianças que são indispensáveis, a fim de que a classe operária tenha acesso ao poder numa sociedade de capitalismo monopolista de estado. Por isso a classe operária deve ir além da aliança entre operários e camponeses pobres (...), deve alcançar as camadas médias das cidades e do campo, deve chegar até ao setor de pequena e média indústria"<sup>44</sup>.

Já Macciocchi se insurge contra esta postura. Pretendendo fazer "uma leitura política de esquerda"<sup>45</sup> de Gramsci, critica a atual proposta do PCI, o qual "dá a entender que o conceito gramscista de hegemonia é a alternativa ao poder de classe (...) E, enquanto a hegemonia não é, na concepção de Gramsci, uma alternativa à ditadura do proletariado, o PCI, por intermédio de filósofos comunistas como Gruppi, transpôs oficialmente a teoria gramscista da hegemonia para a linha de sua política atual(...).

"Deixou-se igualmente passar, sem objeções, o raciocínio segundo o qual a concepção gramscista é feita de "hipóteses mitológicas construídas acima da iniciativa dos conselhos", e que a estratégia de alianças indiferenciadas, de direita e de esquerda, que foi aplicada de modo ininterrupto pelo PCI até hoje, foi 'inventada' por Gramsci, que abandonou as idéias leninistas.

"Se Gramsci manteve seu próprio Objetivo dos Conselhos, foi porque ele jamais abandonou o objetivo de uma destruição da democracia burguesa e do surgimento de uma democracia proletária; Togliatti, ao contrário, reduziu progressivamente a importância que os conselhos guardavam no pensamento de Gramsci (...) para privilegiar e forçar a busca de uma 'via parlamentar para o socialismo' ou 'via italiana'"<sup>46</sup>.

Carlos N. Coutinho, autor de uma magistral introdução à Gramsci, fez uma dura crítica a esta obra de Maria A. Macciocchi, afirmando que "as interpretações erradas, os equívocos de informação e as deformações voluntárias se sucedem a cada página, tornando-a imprestável para um conhecimento da obra e da personalidade de Gramsci"<sup>47</sup>. Esta surpreendente declaração possivelmente revela que ainda subsistem em Coutinho traços do seu passado fortemente vinculado ao PCB.

A federação da Juventude Comunista Italiana (FGCI) vem, ao re descobrir Gramsci nos anos 60, se opor à linha oficial do PCI e seu

(44) Gruppi, 1980, p. 87-88

(45) Macciocchi, 1980, p. 12

(46) Macciocchi, 1980, p. 39-40

(47) Coutinho, 1981, p. 130

"gramscismo"; se declarando "partidária do Gramsci da ruptura entre o leninismo e o stalinismo, do Gramsci dos Conselhos e de Ordine Nuovo, para criar a partir daí uma alternativa política ao PCI, contra uma via nacional para o socialismo, fundada no parlamentarismo"<sup>48</sup>. Porém, ela será "decapitada" pela direção do PCI em 1966, o qual acabou por não captar o sentido da contestação revolucionária estudantil de 1968.

Enfim, na disputa pelo legado de Gramsci observamos a eloquência do mesmo, que, através, de diferentes aproximações, está presente na luta política por uma ordem social mais justa e democrática.

### CONCLUSÃO

Não temos dúvida em concluir que Gramsci é determinante para a caminhada contemporânea tanto do euro-comunismo<sup>49</sup> quanto do pensamento marxista ocidental. Porém, não podemos imputar a Gramsci todos os passos dados, como o fazem os teóricos do euro-comunismo para se legitimarem, uma vez que esta caminhada é uma síntese muito complexa onde intervêm muitos fatores, inclusive o stalinismo.

Gramsci operou um radical avanço na teoria política marxista, efetuando claras rupturas com uma visão restrita do Estado elaborada pelo marxismo-leninismo<sup>50</sup>, e, conseqüentemente, superando uma concepção reducionista da revolução. O mérito de Gramsci "consiste em ter dado lugar", no marxismo, ao elemento "superestrutural", conferindo-lhe um relevo muito diferente do de um simples "reflexo passivo", em ter renovado "os fundamentos da teoria política do socialismo", adequando-a "à compreensão e ao revolucionamento (...) do Estado representativo liberal-democrático"<sup>51</sup>

Entendemos ainda que os recentes desdobramentos da crise do marxismo, com vários de seus principais teóricos assumindo uma visão pós-marxista (como Gorz e Colletti), podem ser parcialmente lidos como uma continuação das rupturas que Gramsci realizou com determinados pressupostos do marxismo-leninismo, pois quem pensa o marxismo à partir de Gramsci, isto é, não dogmaticamente (apesar de todos os esforços do Instituto Gramsci), tende a elaborar novas sínteses, levando à sua intrínseca superação.

(48) Macciocchi, 1980, p. 40

(49) O que é mais fortemente válido para o PCI. "É a Gramsci que se deve o fato de que o movimento operário italiano é, de longe, o mais poderoso e o mais politizado do ocidente". Macciocchi, 1980, p. 34

(50) Ver Coutinho, 1985

(51) Cerroni, 1976, p. 174

## BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Perry. Considerações sobre o marxismo ocidental. Porto, Afrontamento, 1976.

\_\_\_\_\_. As antinomias de Gramsci. São Paulo, Juruê, 1986.

ANDREUCCI, Franco. "A difusão e vulgarização do marxismo". In: História do Marxismo. Vol. II, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. (2ª Ed.).

BADALONI, Nicola. "Gramsci: a filosofia da práxis como previsão". In: História do marxismo. Vol. X, Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.

BUCI-Glucksmann, Cristine. "Sobre os problemas políticos da transição: classe operária e revolução passiva". In: Política e História em Gramsci. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. Gramsci e o Estado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

CARNOY, Martin. Estado e teoria política. São paulo, Papyrus, 1986.

CERRONI, Umberto. Teoria política e socialismo. Portugal, Europa-América, 1976.

COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. Porto Alegre, LPM, 1981.

\_\_\_\_\_. A dualidade de poderes. São Paulo, Brasiliense, 1985.

GERRATANA, Valentino. "Antônio Labriola e a introdução do marxismo na Itália". In: História do Marxismo. Vol. IV. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

GRAMSCI, Antônio. Obras Escolhidas. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

\_\_\_\_\_. Tudo começou com Maquiavel. Porto Alegre, LPM, 1980.